

Cada um tem “um Lampião na cabeça”: representações do cangaço no cinema

Valéria Cristiane Moura dos Santos*

“O principal com relação aos bandidos sociais é que são proscritos rurais que o senhor e o Estado encaram como criminosos, mas que continuam a fazer parte da sociedade camponesa, que os considera heróis, campeões, vingadores, pessoas que lutam por justiça, talvez até mesmo vistos como líderes da libertação, e sempre como homens a serem admirados, ajudados e sustentados”.

(HOBSBAWM, 2010, p. 36)

Introdução

O banditismo social foi fortemente representado no final do século XIX e início do século XX pelo Cangaço, retratado no cinema brasileiro em várias épocas e de diversas formas. Centrado no interesse de reconfiguração dos eventos históricos por meio das imagens cinematográficas, este trabalho tenciona refletir sobre o impacto do cinema para a compreensão dos fenômenos descritos pelos historiadores, e transportados à tela sob pontos de vista diversificados de autores, diretores, e equipe envolvida, considerando a subjetividade representativa de cada situação estudada. Esta prática metodológica possibilita a reinvenção das representações do Cangaço no cinema e os discursos construídos sobre o mesmo a partir daquelas perspectivas heterogêneas de modo que professor e alunos possam resgatar memórias consolidadas, culturalmente construídas, revestidas de particularidades tão diversas que permitem exercitar a interdisciplinaridade contemplando aspectos sociais, culturais, estéticos, políticos, religiosos, psicológicos, relacionando-os aos fatos históricos. Sob a lente de Paulo Caldas e Lírio Ferreira (Baile Perfumado), Glauber Rocha (Deus e o Diabo na Terra do Sol), Eduardo Coutinho (Faustão o cangaceiro do rei) e Victor Lima Barreto (O Cangaceiro), é possível mergulhar no universo do Cangaço, situando-o na caatinga nordestina, conhecer a face da seca e os meandros da politicagem que permitem negociações e acordos envolvendo líderes políticos, coronéis e religiosos. Tem-se uma visão inusitada dos

* Cursa especialização em História do Brasil pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru-FAFICA. Graduada em Licenciatura Plena em História pela mesma IES. Os seus interesses de estudo voltam-se para temáticas que discutem as relações entre a História e as fontes audiovisuais.

cangaceiros, despidos das roupagens míticas, apresentados como pessoas que amam e odeiam, dançam e brigam, vestem-se rusticamente, mas cultivam a vaidade. Ficcionistas ou historiadores, cada autor contribui para a construção de imagens que recuperam a história lendária de personagens marcados por um contexto e experiências vivenciados. Considerando-se estas reflexões, levantam-se questionamentos: de que modo os cineastas desenvolvem o processo de reprodução do imaginário social de Lampião? Que contribuições são relevantes para o campo da História?

Origem do Cangaço

Surgindo no final do século XIX estendendo-se até o início do século XX, o Cangaço, movimento rural nordestino, também caracterizado como banditismo social¹ teve origem por questões de ordem social, ideológica e fundiária. Muitos foram os representantes desse fenômeno ocorrido nos sertões brasileiros, entre eles destaca-se Virgulino Ferreira da Silva, mais conhecido como Lampião.

Os males do monopólio da terra e a vigência da grande propriedade territorial pré-capitalista faziam parte do cotidiano sertanejo. Para enfrentar esse panorama socioeconômico, muitos homens usavam práticas criminosas como sequestrar, saquear e assassinar latifundiários a fim de “fazer justiça” frente às desigualdades sociais daquela época, surgindo assim, o Cangaço.

Entretanto, alguns indivíduos desses bandos aliavam-se aos coronéis em troca de favores de ambas as partes, tanto quanto prestadores de serviços, como também protegidos dos poderosos das regiões em que viviam.

A expressão Cangaço deriva da palavra “canga”, uma peça de madeira que é colocada sobre o pescoço dos bois para o trabalho pesado. A associação aos cangaceiros surgiu na comparação do estilo rústico e à maneira de carregar suas indumentárias junto aos seus corpos.

Conhecidos como assassinos sanguinários e saqueadores, os cangaceiros aterrorizaram diversas regiões do Nordeste brasileiro durante muito tempo. Vivendo na caatinga, diante da

¹ Termo banditismo social parte da teoria de Eric Hobsbawm em *Bandidos*. 4 ed. , São Paulo: Paz e Terra, 2010.

face da seca, esses homens tornaram-se protagonistas de uma história que os remete ao imaginário social popular, vistos como vítimas da sociedade, criminosos ou heróis.

Essa diversidade de opinião sobre esses personagens históricos, ao longo do tempo tem inspirado cineastas brasileiros, que em suas produções cinematográficas reconstróem a história do Cangaço, trazendo questionamentos que aguçam a curiosidade histórica sobre quais perspectivas retratadas nas películas estão mais próximas da realidade. Inúmeras e diferentes são as representações do Cangaço no cinema brasileiro.

O estilo western de Victor Lima Barreto, o sertanejo que entra no bando dos cangaceiros, construído por Glauber Rocha, o cangaceiro que faz acordos com coronéis de Eduardo Coutinho e o Lampião que dança, toma uísque e ama de Paulo Caldas e Lírio Ferreira. Tais obras imagéticas inquietam espectadores e historiadores sobre quais abordagens filmográficas possuem relevância para o campo histórico, considerando o contexto geral da obra.

Para a análise histórica de uma obra cinematográfica, é necessário pesquisar não somente o filme, mas, todos os componentes presentes ou não, nele contidos. De um modo geral, o pesquisador precisa

analisar no filme tanto a narrativa, quanto o cenário, a escritura, as relações do filme com aquilo que não é filme: o autor, a produção, o público, a crítica, o regime político. Só assim se pode chegar à compreensão não apenas da obra, mas também da realidade que ela representa (FERRO, 1992, p.87).

Dessa forma, é possível identificar que o filme pode criar sua própria História, construindo discursos “verdadeiros” a partir dos suportes historiográficos estabelecidos. Analisaremos a seguir os aspectos históricos dos filmes em estudo.

O Cangaceiro (Victor Lima Barreto)

Produzido na cidade de Vargem Grande do Sul-SP, esse premiado filme brasileiro da companhia Vera Cruz, dirigido por Victor Lima Barreto, estreado em janeiro de 1953, fim do

Estado Novo, teve destaque de nível nacional, com repercussões internacionais, por retratar o Cangaço e a figura de Lampião como governante do sertão. Construída a partir das teorias de Euclides da Cunha em *Os Sertões*, ainda que os cenários utilizados para gravação não estivessem situados em regiões semiáridas, ambientando assim, o lugar de origem dos cangaceiros, esta obra representa as más condições do sertão nordestino brasileiro, remetendo os habitantes dessa região à bravura e à valentia, em que o Cangaço apresentava uma alternativa de vida tanto para homens, como para mulheres.

O Cangaceiro ficou conhecido por mostrar uma linguagem na linha western, onde progresso e decadência apresentam-se em um mesmo espaço. Tal linguagem associa o Cangaço à cultura da violência, tornando-o referencial do Nordeste, estereotipado como ambiente de seca, atraso e selvageria. Mesmo com a intenção de discutir a questão nordestina, as filmagens foram realizadas no interior do Estado de São Paulo, em condições geográficas diferentes do contexto histórico do Cangaço.

As produções de linha western focalizam apenas a ficção, não apresentando interesse em reconstruir os fatos históricos, como podemos observar no filme em estudo. É papel do historiador, ao analisar estas fontes imagéticas questionar as propostas e motivações de cada obra cinematográfica pesquisada, considerando as singularidades e contextos que dão suporte ao filme.

Deus e o Diabo na Terra do Sol (Glauber Rocha)

“As manifestações do povo são as mais importantes, e eu filmo essas manifestações, por isso é que os filmes convencem, convencem até os inimigos porque tá lá a verdade.”

(Glauber Rocha)

Para elaborar, nos vários roteiros, os trechos referentes ao Cangaço, temática de nosso estudo dentro da obra *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, Glauber de Andrade Rocha, cineasta, autor e escritor, fez um levantamento da visão popular sobre o tema exposto. Munido com a literatura de cordel, cantigas, recortes de jornais e entrevistas, Glauber retirou elementos

consistentes para criar seus personagens Manuel, Corisco, Antônio das Mortes, e o enredo do Cangaço.

Caracterizado como um filme épico, vários pontos de vista podem ser observados na obra de Glauber Rocha. Do contexto político social, dentro de uma visão marxista, retratando no filme o coronelismo latifundiário, a fome, e a miséria dos nordestinos, ao cenário religioso e ideológico, enveredando-se no misticismo messiânico.

“Eu parti do texto poético. A origem de “Deus e o Diabo” é uma linguagem metafórica, a literatura de cordel. No Nordeste, os cegos, nos circos, nas feiras, nos teatros populares, começam uma história cantando: eu vou lhes contar uma história que é de verdade e de imaginação, ou então que é imaginação verdadeira. Toda minha formação foi feita nesse clima. A ideia do filme me veio espontaneamente”.

Marco do cinema novo brasileiro, *Deus e o Diabo na Terra do Sol* apropria-se da dramatização bem traduzida pela paisagem em todo o filme, mostrando a aridez e a escassez de água na região, o que bem apresenta o contexto histórico em que ocorreu o Cangaço. Narrando a história do vaqueiro Manuel e sua mulher Rosa, que conduzidos pelo cego Júlio, entram para o grupo de um famoso cangaceiro do bando de Lampião, Corisco, o último cangaceiro, após cometerem separadamente assassinatos, Glauber expõe os contrapontos existentes entre razão, alienação, revolta, e moral das opções de Manuel encurralado entre Deus (o beato Sebastião) e o Diabo (Corisco).

Faustão o cangaceiro do rei (Eduardo de Oliveira Coutinho)

No primeiro filme analisado, observamos que o gênero *faroeste* faz parte do aspecto narrativo. Com *Faustão o cangaceiro do rei*, isso também não é diferente. Adotando o estilo *bang bang* dos filmes norte-americanos, a produção de Eduardo de Oliveira Coutinho, tendo como pano de fundo o Cangaço, mostra o jogo de interesses existente entre cangaceiros e coronéis.

Caracterizando-se também pela sensibilidade em seus trabalhos, Coutinho esmiúça na história do cangaceiro Faustão a capacidade de homens rudes e sanguinários, desenvolverem

emoções e aspirações de pessoas comuns. Têm-se a desmistificação do cangaceiro como um ser incapaz de despertar carinho e gratidão em alguém, porém provoca, por outro lado a admiração em um prisioneiro de seu bando. Eduardo Coutinho expõe a história de amizade entre um cangaceiro (Faustão) e um filho de coronel (Henrique), que acabam ficando no decorrer do filme, em lados opostos diante das circunstâncias ocorridas ao longo do tempo. Faustão é desertado devido ao progresso sertanejo, porém, não abre mão de sua vida de cangaceiro e em um confronto com os capangas de Henrique é morto, causando no mesmo dor e remorso pelo falecimento do amigo que cuidou de seu ferimento em uma emboscada, e o acolheu no bando.

Negro, beerrão, generoso e amante das mulheres, são alguns dos estereótipos do personagem em destaque. O imaginário social dos cangaceiros nos filmes apresentados até aqui, foram construídos e consolidados a partir da memória coletiva popular, em que o heroísmo e a vitimização por parte de um sistema político-social, rodeia o cangaceirismo.

Divergentes opiniões sobre esse fenômeno nordestino permitem a discussão sobre os aspectos não apenas geográficos, históricos, sociológicos e antropológicos do que foi o Cangaço, mas também psicológicos, estéticos e ideológicos que norteavam o universo dos cangaceiros, retrabalhando informações que propõem compreender suas origens profundas, situando-as no contexto histórico.

Lampião é um personagem histórico que permanece vivo na memória de todos os nordestinos. Bandido, assassino, estuprador, herói, vítima, traidor, rei. Esses são alguns elementos que expressam a imagem do homem que divulgou a história do Cangaço e conquistou amigos importantes no âmbito religioso.

Contraditório, polêmico e intrigante, Lampião é uma figura que inspira músicas, poesias, e culturas. Da maneira de se vestir exageradamente com anéis, lenços e chapéu de couro, até as danças criadas por ele, discutiremos como foi possível identificar esse outro Lampião totalmente desconhecido na História.

Baile Perfumado (Paulo Caldas e Lírio Ferreira)

“Nós quer, assim, de confiança faz filme com a capiton e a bando dele, hem? Nós ficaria com a capiton, assim uns dias e filmava as coisas necessárias, hem?”

(Benjamim Abrahão em *Baile Perfumado*)

Documentário realizado em 1936 pelo imigrante libanês Benjamin Abrahão Botto, *Lampião, o Rei do Cangaço*, as imagens originais do Capitão Virgulino Ferreira e seu bando foram remanejadas para outro texto fílmico, intitulado de *Baile Perfumado* pelos cineastas Paulo Caldas e Lírio Ferreira em 1996. A rearticulação dos variados sentidos que dão nova visão histórica de Lampião e seu grupo de cangaceiros reconstrói os discursos no cinema brasileiro sobre o autêntico Rei do Cangaço, permitindo um novo debate sobre o tema.

Benjamin Abrahão primeiramente veio a Pernambuco, onde passou algum tempo vivendo como mascate até partir para Juazeiro do Norte no Ceará, onde conheceu padre Cícero Romão Batista, tornando-se assistente do religioso que também foi o primeiro prefeito de Juazeiro e depois, deputado federal pelo extinto PRC (Partido Republicano Conservador). A boa relação de Cícero Romão Batista e Lampião permitiu que Benjamin o conhecesse durante o auge da coluna Prestes, à qual o cangaceiro deveria combater a pedido de Cícero.

Após a morte de padre Cícero, Benjamin procura Lampião pedindo permissão para filmar o Rei do Cangaço e seu bando, a fim de imortalizar a causa do cangaço. A partir dessas filmagens, outro Lampião é apresentado ao cinema: submisso, dançando, rezando.

A pesquisa histórica realizada para o filme *Baile Perfumado* contribuiu para a redefinição de ideias que aparecem em várias dimensões da sua narrativa fílmica: personagens, figurinos, acessórios, cenário e músicas. Revisitado no filme discutido, Lampião aparece ressaltando seu percurso histórico, em alguns momentos como bandido, outros como herói, focalizando imagens inéditas de cangaceiros vaidosos e descontraídos que também fazem parte do cenário desse filme.

“Baile Perfumado por sua vez, vira de cabeça para baixo a imagem tradicional do Cangaço: acompanha a trajetória do mascate e cineasta libanês Benjamin Abrahão, que nos anos 30 filmou Lampião e seu bando em momentos de descontração”.

(Lírio Ferreira, codiretor do filme).

Conclusão

Elaboramos no presente trabalho, reflexões acerca do papel das imagens cinematográficas e o poder de aguçar o imaginário popular. Ao abordar temáticas de peso histórico, o cinema trabalha com discursos e representações que geram efeitos diversificados.

Muitos são os filmes que mostram Lampião, necessitando assim, um estudo específico de cada obra para uma melhor compreensão da representação cinematográfica de Virgulino Ferreira da Silva. A saga de Lampião e do Cangaço nos caminhos do cinema brasileiro torna-se longa e duradoura com construções e reconstruções narrativas de cangaceiros mocinhos e bandidos da História. Esses aspectos cinematográficos permitem ao historiador entender como determinados cineastas tratam temáticas históricas, como o Cangaço, em sua narrativa fílmica, apropriando-se de novas linguagens, percebendo a possível relação entre História e cinema, e a importância do mesmo como fonte de estudo, refletindo o papel das imagens na pesquisa histórica, pois no momento em que o historiador compartilha com outras pessoas suas descobertas, também está ensinado àquilo que aprendeu ao longo de sua pesquisa. Professores e alunos a partir de tal interpretação podem repensar a história do Cangaço, abrindo novos diálogos sobre os elementos que configuram a temática estudada, diversificando o ensino de História, contribuindo para a produção de outros saberes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FACÓ, Rui. Cangaceiros e fanáticos: gênese e lutas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. (Revisitando o Brasil; v.2).

FERRO, Marc. Cinema e história. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HOBBSAWM, Eric J. Bandidos. Tradução de Donaldson M. Garschagen. 4.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

MELLO, Frederico Pernambucano. Benjamin Abrahão, entre anjos e cangaceiros. 1.ed. São Paulo: Escrituras, 2012.

FONTES ICONOGRÁFICAS

O Cangaceiro, Victor Lima Barreto. Vargem Grande do Sul, São Paulo: Companhia Vera Cruz, Brasil: 1953.

Deus e o Diabo na Terra do Sol. Glauber de Andrade Rocha. Monte Santo, Bahia, Brasil: 1964.

Faustão o cangaceiro do rei. Eduardo de Oliveira Coutinho. Rio de Janeiro, Brasil: 1971.

Baile Perfumado. Paulo Caldas e Lírio Ferreira. Pernambuco, Brasil: 1996.